Data: 27.09.2013

Titulo: O que fazer para salvar as UNIVERSIDADES

Pub: SOL | TABU

Tipo: Jornal Nacional Semanal **Secção:** Nacional **Pág:** 1;40;41;42;43

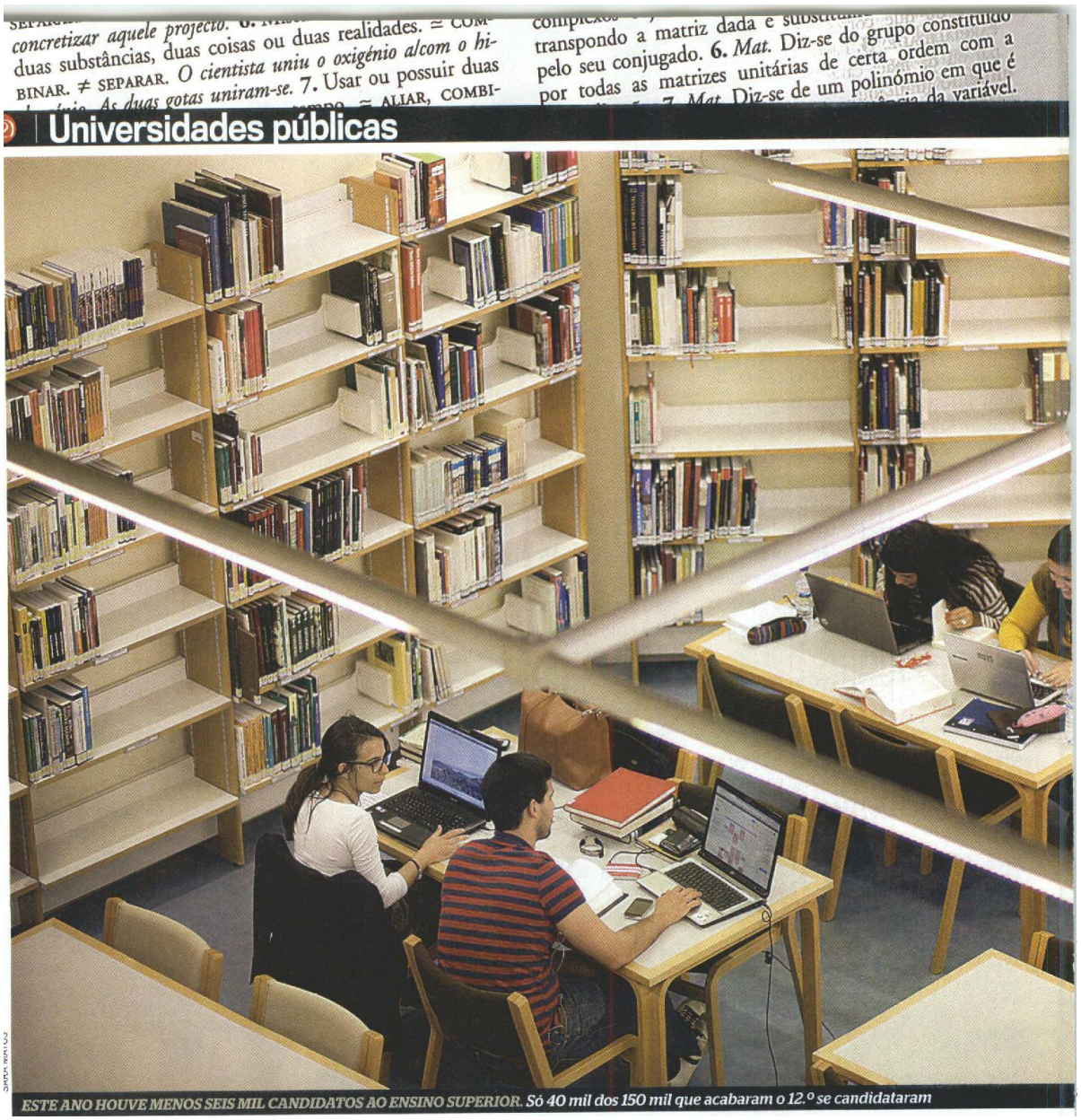
Área: 2239cm²/ 50%

Tiragem: 62.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4626392



concretizar aquele projecto. 6. duas substâncias, duas coisas ou duas realidades. ≃ COM- BINAR. ≠ SEPARAR. *O cientista uniu o oxigénio alcom o hi- As duas gotas uniram-se.* 7. Usar ou possuir duas ≃ ALIAR, COMBI- transpondo a matriz dada e pelo seu conjugado. 6. *Mat.* Diz-se do grupo constituído por todas as matrizes unitárias de certa ordem com a Diz-se de um polinómio em que é da variável.

Universidades públicas

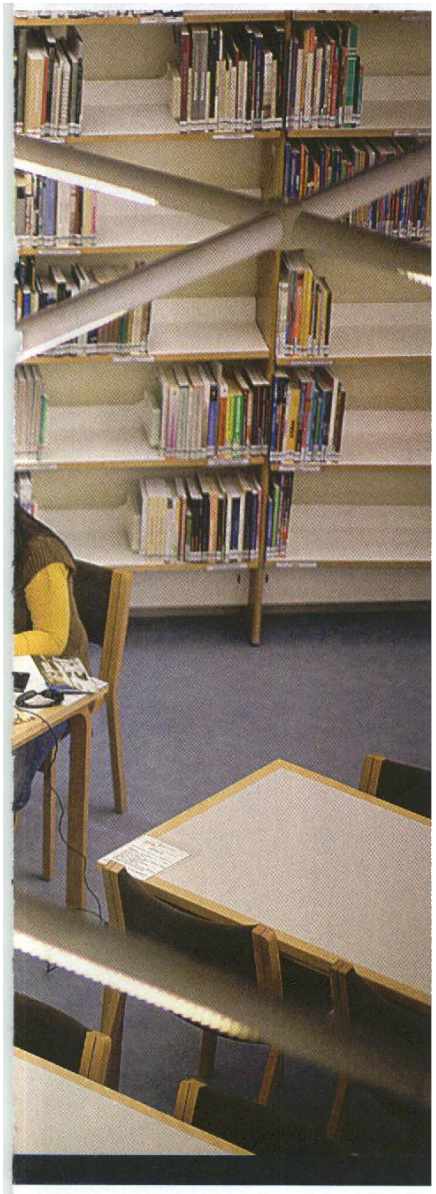
ESTE ANO HOUVE MENOS SEIS MIL CANDIDATOS AO ENSINO SUPERIOR. Só 40 mil dos 150 mil que acabaram o 12.º se candidataram

O que fazer para salvar as UNIVERSIDADES

As universidades públicas arrancam este ano lectivo com menos alunos e menos dinheiro. Mas ninguém baixa os braços: atrair mais alunos estrangeiros e portugueses e reorganizar a oferta de cursos superiores são desafios para 2014. A receita para dar a volta à crise é dada pelos reitores

Texto de **Margarida Davim**

Data: 27.09.2013
Titulo: O que fazer para salvar as UNIVERSIDADES
Pub: SOL / tabu
Tipo: Jornal Nacional Semanal
Secção: Nacional
Pág: 1;40;41;42;43
Área: 2239cm²/ 50%
Tiragem: 62.000
FOTO
Cores: 4 Cores
ID: 4626392



Este ano lectivo vai ficar para a história das universidades pelos piores motivos: foi aquele em que menos alunos se candidataram ao ensino superior. Só 40.419 dos cerca de 150 mil que acabaram o 12.º ano quiseram ou puderam continuar os estudos. Desde 2002 que não havia tão poucos candidatos. Comparando com o ano lectivo passado – e até à segunda fase de acesso, que acabou esta semana – foram menos seis mil.

A estas contas de subtrair juntam-se os cortes orçamentais, que nos últimos seis anos já vão numa redução de 40% das verbas transferidas pelo Estado para o ensino superior.

O cenário pode parecer negro, mas as universidades garantem que o futuro passa pela aposta no ensino superior e procuram estratégias para sobreviver.

Captar mais alunos estrangeiros, procurar parcerias com empresas, concentrar a oferta de alguns cursos em apenas uma ou duas universidades e trabalhar em consórcio são algumas das soluções apresentadas pelos reitores. Mas todos garantem que Portugal não é o **«país dos doutores»** que alguns caricaturam.

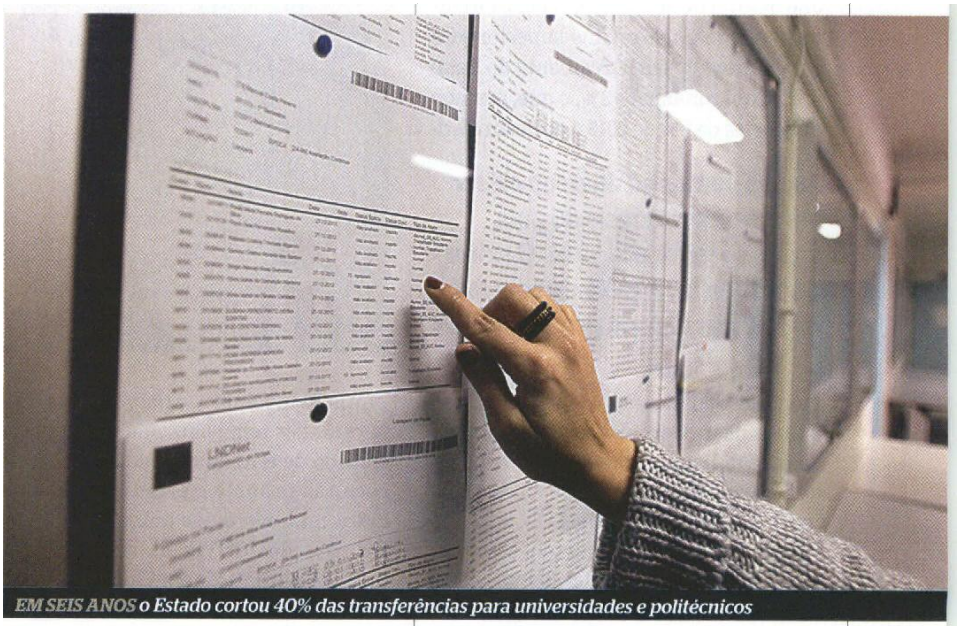
Ainda há canudos a menos

Dados da OCDE mostram que apenas 15% dos portugueses entre os 25 e os 64 anos têm formação superior: menos de metade da média dos países daquela organização (que está em 31%) e muito abaixo dos 28% de licenciados da média da União Europeia. **«Estamos muito longe do objectivo de 40% de licenciados para 2020 estabelecido pela Europa»**, frisa o reitor da Universidade do Porto, Marques dos Santos.

De resto, Portugal é um dos países onde ter um curso mais rende. **«Somos o país da OCDE onde o retorno por termos um curso superior é maior. Isto não é nada que nos deva orgulhar: significa que temos um leque salarial demasiado alargado e salários muito baixos»**, aponta o reitor da Universidade de Lisboa, António Cruz Serra, lembrando que em países como a Finlândia ou o Japão **«100% das pessoas em idade de ir para universidade vão para a universidade»**.

Mas enquanto as universidades portuguesas não conseguirem atrair mais alunos e se mantiver a quebra demográfica, todos admitem que vai ser preciso fechar

Só 15% dos portugueses entre os 25 e os 64 anos são licenciados. A média da UE é de 28%. Objectivo para 2020 é ter 40% com formação superior



EM SEIS ANOS o Estado cortou 40% das transferências para universidades e politécnicos

«Enquanto estiver dentro do euro e sem recursos naturais em abundância, o modelo de desenvolvimento de Portugal não pode passar por uma política de baixos salários, mas pela aposta na qualificação», aponta João Gabriel, reitor da Universidade de Coimbra, lembrando que, apesar de tudo, **«o desemprego ainda atinge menos quem tem formação superior»**.

cursos. **«O mínimo para ter um curso aberto são 20 alunos. Ora, isso não é sustentável»**, critica Marques dos Santos, que acredita que 2014 deve ser o ano da reorganização da rede pública. **«Em vez de ter os mesmos cursos em vários pontos do país, temos de passar, por exemplo, a tê-los em um ou dois locais»**, sugere o reitor do Porto. ▶

Data: 27.09.2013

Titulo: O que fazer para salvar as UNIVERSIDADES

Pub: SOL / tabu

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;40;41;42;43

Área: 2239cm²/ 50%

Tiragem: 62.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 4626392

PORTUGAL é o país da OCDE onde o retorno salarial de um curso superior é maior

JOSÉ SÉRGIO

UNIVERSIDADES estão a cortar o investimento em laboratórios e conservação de edifícios

FOTOGRAFIAS DE RICARDO CASTELO

«Noutros casos, a solução é fazer uns preparatórios como havia antigamente há muitos anos. Quando eu estudei Engenharia Electrotécnica, em Coimbra só havia preparatórios – e depois os alunos ou iam para o Porto ou iam para o Técnico, em Lisboa», diz Cruz Serra, que defende o fim da duplicação da oferta entre universidades e politécnicos, com estes institutos a assumirem a vertente mais profissional do ensino superior. «Precisamos de ter realmente um ensino superior binário», concorda João Gabriel. A solução passaria por concentrar na rede politécnica cursos rápidos de dois ou três anos que não conferissem grau académico, mas pudessem ser completados nas universidades para equivaler a licenciaturas.

Nas próximas semanas, a grande luta dos reitores será, porém, a de conseguir que o Governo recue na intenção de cortar ainda mais no ensino superior. «Os cortes previstos no Orçamento do Estado de 2014 rondam os 3%, o que, somado aos cortes de 9% de 2013 e ao desinvestimento sistemático dos últimos anos, está a levar as universidades aos limites da sustentabilidade, colocando em causa, a curto prazo, a qualidade de ensino e da investigação» – avisa Luís Reto, reitor do ISCTE, antevendo que algumas universidades venham a ter «problemas reais em cumprir todos os compromissos». No caso do ISCTE, isso significa que no próximo ano não haverá investimentos.

Alguns cursos só deverão existir em um ou dois locais do país, sugere o reitor do Porto. O reitor de Lisboa dá a ideia de retomar os antigos cursos preparatórios

«Se os cortes actuais vierem a ser executados, a erosão financeira atinge pontos importantes do funcionamento das universidades e, neste caso, a Nova não será excepção», admite o reitor, António Rendas, defendendo que o que está em causa já não é uma poupança, mas sim uma asfixia do sistema.

Luís Reto lembra, aliás, que «as universidades têm realizado um enorme esforço de eficiência e de aumento de receitas próprias, estando hoje uma clara maioria delas acima dos 50%». No caso do ISCTE, as receitas próprias já são 65% do total do respectivo orçamento.

A margem para cortar, garante-se, é que é já muito curta. «Estamos a cortar, por exemplo, em obras de manutenção dos edifícios e em investimentos em laboratórios», exemplifica Marques dos Santos, que explica que essa opção terá consequências dramáticas no futuro. «Daqui a pouco tempo, estaremos desactualizados e com edifícios em muito mau estado».

Rankings estão em risco

Marques dos Santos usa o exemplo da Universidade de Edimburgo, na Escócia, para dar a dimensão do ponto a que chegaram os cortes: «Em 2012, tiveram quatro vezes o orçamento da Universidade do Porto e têm mais ou menos a mesma dimensão. Não nos podem continuar a pedir para fazer o mesmo com menos».

Mas é isso mesmo que as universidades portuguesas têm andado a fazer. Apesar de todos os cortes, continuam a subir nos *rankings* internacionais. Este ano, Portugal conseguiu pela primeira vez ter quatro instituições no *ranking* de Xangai: Coimbra foi a grande novidade, a Clássica de Lisboa subiu para as 300 a

Data: 27.09.2013

Titulo: O que fazer para salvar as UNIVERSIDADES

Pub: SOL | tabu

Tipo: Jornal Nacional Semanal **Secção:** Nacional **Pág:** 1;40;41;42;43

Área: 2239cm²/ 50% **Tiragem:** 62.000 FOTO **Cores:** 4 Cores **ID:** 4626392

APESAR DOS CORTES, este ano Portugal conseguiu ter quatro universidades entre as 400 melhores do mundo: Porto, Clássica, Nova e Coimbra

400 melhores do mundo, a par com o Porto, e a Técnica manteve-se no patamar das 400 a 500 melhores.

O desinvestimento, alertam os reitores, pode começar a deitar por terra estes avanços. **«Vai piorar»**, avisa Cruz Serra. **«A saída dos investigadores de Ciência, a quem não vamos conseguir renovar contrato de forma significativa e que estão a sair para o estrangeiro, vai ter consequências nefastas»**, adverte o reitor da Universidade de Lisboa, que acredita que a produção científica – um dos principais critérios dos *rankings* – também será afectada pelo envelhecimento do corpo docente. **«Não são as pessoas mais velhas quem mais produz»**.

Impossibilitadas de despedir docentes dos quadros, as instituições têm optado por não renovar contratos a professores e investigadores convidados. Segundo o Registo de Docentes do Ensino Superior do Ministério da Educação e Ciência, o sector perdeu mil professores só entre 2011 e 2012 – através da não renovação de contratos e de aposentações.

«Temos estado a reduzir o pessoal docente e não docente. De Dezembro de 2012 até agora, temos menos 46 docentes», reconhece o reitor do Porto, que está preocupado com o envelhecimento do corpo docente. **«Nos próximos cinco anos vamos ter de renovar 60% do pessoal docente. Vamos precisar de gente nova»**.

Entre 2011 e 2012, saíram do sistema mil professores universitários. Corpo docente está envelhecido, avisam reitores

A mesma preocupação existe em Coimbra. **«A idade média do corpo docente ronda os 50 anos. Isto significa que, a manter-se a idade da reforma aos 65, daqui a 10 ou 15 anos, vamos ter metade ou mais dos professores a sair da universidade»**, afirma o reitor, que não tem meios para contratar agora, garantindo a natural renovação de quadros.●

margarida.davim@sol.pt